

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Antônio Pereira Afonso

Centro de Memória da Etec Getúlio Vargas

São Paulo/SP

2024

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: história oral de vida.

Entrevistadora: Maria Aparecida Alves de Souza (Cida Souza).

Instituição: Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas.

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A escolha do docente para a realização de uma entrevista sobre a memória do trabalho docente, partiu da necessidade de entender melhor o período estudado em minha pesquisa. O fato que o professor Antônio Pereira Afonso, ter iniciado sua carreira como docente nesta unidade, no final de 1972, exatamente no período relacionado à minha pesquisa e continuar como professor na unidade, com uma carreira de 52 anos, tendo sido coordenador de curso e diretor. Atualmente, além de professor ele atua como coordenador do curso Técnico de Eletrotécnica. Este ano, ele foi homenageado pelo diretor Cristiano Pereira, junto com outros docentes e funcionários, pelo tempo de serviço prestado à unidade.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Aparecida Alves de Souza

Local da entrevista: Sala dos professores de eletrotécnica da Etec GV

Data: 14 de maio de 2024.

Técnico de gravação: Júlio Moreira.

Duração: 28 minutos e 46 segundos

Números de vídeo: 01 (um).

Transcrição: Maria Aparecida Alves de Souza.

Número de páginas: 18

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente” como documento de pesquisa para o projeto de pesquisa intitulado “Organização de dossiê com os projetos de construção civil elaborados para a construção da Etec Getúlio Vargas, no período de 1960 a 1972” desenvolvido para o Centro de Memória da Etec Getúlio Vargas durante o ano de 2024. O entrevistado, prof. Antônio Afonso Pereira, foi escolhido por atuar há 52 anos como docente na Etec Getúlio Varga e ter acompanhado as obras da ampliação da escola.

Transcrição da entrevista

Transcrição: Maria Aparecida Alves de Souza.

Data da transcrição: 20 a 30 de dezembro de 2024.

Maria Aparecida Alves de Souza (MAAS): Nós estamos fazendo essa entrevista para a História Oral da GV e vai ficar no site do Centro de Memória Paula Souza. Eu gostaria que o senhor dissesse, por gentileza, seu nome completo.

Antônio Pereira Afonso (APA): Antônio Pereira Afonso.

MAAS: A sua formação, professor.

APA: Eu sou Engenheiro Eletricista e, também, especializado em Psicopedagogia.

MAAS: Professor, há quantos anos o senhor dá aula aqui na GV?

APA: Eu entrei aqui nos fins de 1972, como professor substituto, substituindo um professor que ficou doente. Efetivamente com aulas, no início de 73, portanto, estou na escola há 52 anos.

MAAS: Muito bem, então, vamos às nossas perguntas. Professor conta para mim, por gentileza, o senhor, na época, trabalhava como engenheiro numa empresa e veio dar aula aqui?

APA: Sim.

MAAS: Em que empresa que o senhor trabalhava?

APA: Eu trabalhava na Prefeitura Municipal de São Paulo, no setor de iluminação pública, que na época pertencia integralmente a prefeitura. Antes da prefeitura de São Paulo, eu tive uma empresa própria de telefonia e trabalhei na instalação de equipamentos em Itaipu. Fiz algumas peripécias nesse sentido, porque na época eu era recém-formado, totalmente liberado, não tinha compromisso com nada. Então, o que desse, vamos embora. Era mais ou menos isso. Eu quase que me efetivei numa empresa em Moçambique.

MAAS: Nossa!

APA: É. Eu cheguei a trabalhar aqui, no escritório aqui. Cheguei a ir um mês lá. Mas aí surgiu a oportunidade, junto do meu irmão, da gente empreender e, por isso que eu não acabei lá.

MAAS: O senhor se formou em que ano?

APA: Ah! O diploma foi expedido em 72, mas eu me formei no fim de 71.

MAAS: O senhor se formou, que dizer, o senhor entrou aqui recém-formado, então?

APA: Sim, na realidade eu entrei na Prefeitura de São Paulo, recém-formado. Eu ainda nem tinha o diploma. O diploma veio a ser expedido depois.

MAAS: Que faculdade o senhor fez?

APA: Eu fiz a Faculdade de Engenharia Mauá. Eu fiz topografia, me especializei em agrimensura, e o diretor da época aqui na escola, Nelson Sanchez Moreno, precisou de um professor de topografia. O curso diurno era um curso maior, mais extenso, tinha mais aulas. Por quê? Porque eles estudavam de manhã e de tarde e não estudavam aos sábados.

MAAS: Eles faziam diurno.

APA: Completo, quatro anos. Nós tínhamos as cozinheiras, fornecia refeição completa na época. Era até debaixo da diretoria, onde hoje é a nutrição, mas o local físico é o mesmo, o local físico é o mesmo, mas nós tínhamos lá o refeitório. E a Getúlio era muito, mas muito procurada. Principalmente por interioranos e de nisseis. Aqui, a metade, quando eu entrei aqui, quase que metade da escola era nissei. Tanto, que hoje, professor nissei, você conta dois ou três, não encontra mais. Antes, quase metade era.

MAAS: E os alunos também.

APA: Era bastante, eram os que se interessavam por escola técnica na época. O curso de Edificações aqui é muito bom, é renomado, é renomado esse curso.

MAAS: Os nossos cursos aqui, né?

APA: É, a origem, lembre-se, a Getúlio Vargas é uma escola industrial. Eu acho que nesses últimos anos esqueceram esse detalhe. Esqueceram esse detalhe. O primeiro curso que entrou aqui na escola, que não era industrial, foi Nutrição.

MAAS: Que foi em 78?

APA: É. Foi Nutrição, foi o primeiro, inclusive, nós outros que éramos da área técnica, ficamos reticentes. Nossa, vai quebrar o paradigma. Tanto que elas ficaram muitos anos, mas muitos anos mesmo, meio isoladas.

MAAS: Sempre foram só professoras?

APA: Sempre. Sempre foi só professoras e só meninas estudando. Quando começou a dar uma misturazinha, foi uma quebra de paradigma muito grande.

MAAS: Deixa lhe perguntar uma coisa. Então, nós tínhamos aquele prédio da Mecânica, o prédio que eu falo, que é bloco B, que é de Artes?

APA: Hoje tem, Química, Mecânica e Artes, lá.

MAAS: Design, né.

APA: É, porque a arte é o design.

MAAS: A sala de Artes é Design de Interiores.

APA: É.

MAAS: Aí, eram salas de aula.

APA: Não, tudo bem. Um galpão que vinha há uns cinco metros da esquina e pegava a frente toda. Era totalmente de madeira.

MAAS: Ah, esse é o galpão de madeira.

APA: Eram dois andares. Embaixo ficava o refeitório, certo? O refeitório no andar de baixo, porque o nosso terreno era muito em descida. Esse onde eu estou falando aqui era a quadra da escola.

MAAS: Aqui era quadra?

APA: Era a quadra da escola. Tinha, então, esse bloco grande de madeira, onde você tinha a parte administrativa, sala do diretor, tinha vice-diretor.

MAAS: E era tudo alinhado à rua.

APA: Tudo alinhado, distante uns quatro ou cinco metros da rua. Agora eu não estou lembrando, entre o muro e a rua, se era jardim. Não, tinha umas árvores sim, mas não era jardim nem era muito cuidado. Tinha a entrada lá, hoje você chama a entrada dos leões, isso foi feito depois, mais as duas panteras que estão lá, que não são leões, são panteras.

MAAS: Não são leões, são panteras.

APA: Essas duas panteras eram da daquela época, elas estavam na entrada da escola. Essas duas panteras. Depois esse galpão foi totalmente demolido e hoje é um prédio de três andares. Um, dois, três andares.

MAAS: Três andares e, lá em cima, as salas de aula.

APA: É. Exatamente (ruídos de pessoas). E nesse corredor, lá para frente, a administração, passava a entrada, lá para frente tinha dentista, médico e enfermaria.

MAAS: É, nós temos, lá no Centro de Memórias, se o senhor quiser ver, hoje à tarde, a partir das 3hs, estará aberto.

APA: Sim, eu vi o programa.

MAAS: Nós temos uma parte de enfermaria, mesmo, documentos médicos.

APA: Nós tínhamos um enfermeiro permanente, era funcionário do estado, efetivo. Não tínhamos um, não, tínhamos dois enfermeiros.

MAAS: Para cobrir os períodos.

APA: Sim. Dentista eu cheguei a conhecer um, mas também não entrei muito, não me imiscui muito com essa parte da escola. A passava, sabia que existia, mas não lembro o nome, não lembro da figura. Sei que existia.

MAAS: O senhor sabe me contar um pouco como é que era essa, quando o senhor chegou era tinha esse prédio. Já se falava da ampliação?

APA: Não. Quando eu cheguei tinha o bloco da Mecânica, bloco do meio, onde você tinha salas de aula, certo?

MAAS: Aqui em cima, e a madeira lá?

APA: Sim, madeira lá e tinha uma quadra.

MAAS: Aqui, né? (indicando a planta da escola)

APA: É, aí. E tinha a quadra lá embaixo, uma quadra.

MAAS: É, porque edificações era lá embaixo.

APA: É. Aí, o professor. Eita, não vou lembrar o nome. Tem um professor espanhol, junto com o professor Edmundo Mazzini, que comandavam. Frassei, pode ser Frassei. Não sei se errei, desculpa. Pode ser o professor Frassei. Eles construíram com os alunos um, uma ala de edificações aqui. Vamos colocar aqui. Aqui é a quadra, eles construíram uma ala de edificações aqui, onde fizeram depósito de material, de tijolo e um monte de coisas.

MAAS: Antes do prédio novo?

APA: Tudo antes. Então, foi construído pelos alunos esse. E era legal, muito legal. Hoje estão construindo, não sei. O professor Pereira começou uma construção de uma casinha lá que era para servir para os alunos se exercitarem, certo?

MAAS: Atrás.

APA: Era exatamente o que o Frassei e o Edmundo faziam nesse lugar. O Edmundo Mazzini veio a se formar médico. Porque ele era técnico, técnico-mestre. Não o técnico, como hoje se fala, era Escola de Mestria.

MAAS: É, eu li isso, mas eu não sei. Qual é a diferença entre o técnico e o técnico de mestria?

APA: Mestria não era um segundo grau. Não dava direito à continuidade. Ele era puramente mestre. Então, nós tivemos muitos professores aqui que fizeram Mestria aqui. O professor Caetano, vários professores, que eram professores da escola só com esse título. Daí começou a se inventar o curso de Esquema e outras coisas para começar acomodar essa turma.

MAAS: Entendi.

APA: OK. Então, esse curso de Mestria, lá na Piratininga, nós tínhamos marceneiros.

MAAS: Sim, nós temos móveis lindos.

APA: Exatamente, tínhamos o curso de Marcenaria etc., mas era puramente Mestria. Quer dizer, você formava o cara para o mercado iminente que estava ali fora.

MAAS: Como ele não tinha o médio junto, ele não continuava.

APA: Nem necessitava porque, olha, São Bernardo tinha indústria de móveis, nós tínhamos a Presidente Wilson era só indústria. Então, o cara entrava aqui, ele escolhia entre quatro e cinco empregos que ele podia ter de imediato.

MAAS: Saia empregado daqui.

APA: Empregado, certo. Aí, óbvio, de Mestria evoluiu ao Técnico Integrado, começou a vir do estado os professores de Português, de Matemática, Geografia, História, Desenho, principalmente Desenho técnico. Desenho técnico foi fundamental. Hoje nem se fala, nós tínhamos salas e salas de prancheta.

MAAS: Eu vi uma entrevista sobre o início e já tinha sala de Desenho.

APA: Sim, sim, porque todas as todas as carreiras aqui da escola necessitavam de Desenho. Por exemplo, você vai ser marceneiro, vai desenhar um móvel, você tem que saber desenhar.

MAAS: Para ser era eletricitista.

APA: Essas plantas que eu estou vendo aqui, são de eletricidade. Olha, isso aqui são plantas de eletricidade.

MAAS: Eu fiz isso na faculdade faz tempo.

APA: São plantas elétricas. Esse símbolo, nem nunca foi normalizado. Eu gostava muito desse símbolo de lâmpada etc., mas nunca foi normalizado.

MAAS: Mas se usou muito, né, professor?

APA: Se usou porque o Brasil teve uma época que não tinha nada. A elétrica no Brasil, assim vamos supor, começar a unificar e um falar a língua do outro. Começou com um livro do professor Hélio Creder. Quem é eletricitista sabe que esse foi um livro fundamental. Daí nasce a NB3, que foi a primeira norma em que se falou de eletricidade.

MAAS: Em que ano?

APA: Nos anos 70. É onde começa a desenvolver, a nascer ABNT, a colocar as coisas um pouco mais em ordem. Mais para frente começam as normas regulamentadoras, aí, as normas passam a ser muito mais bem feitas. Aí, o Brasil fica signatário do IEC e a seguir as normas internacionais. E teve bastantes contratempos no caminho.

MAAS: Porque nós temos, lá no Centro de Memória, livros que a prof.^a Camila Bais chamou de livros raros, que são os primeiros livros que os professores usavam para ensinar. Eram em inglês, francês, russo e alemão.

APA: Russo, russo.

MAAS: O professor usava, ele não tinha um livro nacional.

APA: Eu estou lembrando não sei se Piskounov. É isso, César? Piskunov, famoso, livro que a gente usava na época.

MAAS: Para dar aula?

APA: Era para consulta de aula, sim. É, esse livro, era o livro que eu estudei na faculdade, o Piskunov. Eu estudei numa versão traduzida para o francês. Aí você chega, mas por que traduzida para o francês? Porque na época eu era muito bom de francês. Se você chegar para mim e falar hoje, se você for para a França, passo fome. (risos) A vida é engraçada, o que você deixa de usar, foi-se.

MAAS: Professor, para eu entender aqui.

APA: Vamos lá.

MAAS: Nós tínhamos esse prédio, funcionava Edificações à noite e Eletrotécnica de dia. Quando é que vocês professores souberam que teria essa ampliação que a escola recebeu? Porque o projeto, só para lhe dar informação, eu tenho um documento que, não é assinado, não tem data e não é assinado. Mas descreve como a escola era, pensando que veio para cá em 64 e que, se houvesse uma ampliação, a partir de 1971,

teria tantos alunos e poderia ter outro curso. Então, ele justifica uma ampliação. Nós temos lá todos os projetos.

APA: Eu acho que isso aí foi isso de 1970 para 1971. É, eu não estava aqui, quando vim em 1972, já falavam que a escola ia ser derrubada. E a gente estava, todo mundo, muito preocupado. Eu nem tanto, porque eu tinha o meu empreguinho, não teria problema, mas a grande maioria era só professor. Eles estavam extremamente preocupados, falando que ia ser derrubada. Onde eles dariam aula? Que eles iam perder o emprego. Será que isso, será que aquilo? Aí tudo bem, a escola foi derrubada, menos o que eu estou vendo aqui. Oh, está vendo?

MAAS: Exato.

APA: Exatamente como está aqui. O resto foi tudo a pique. Está vendo a área aqui, entre esse prédio? Se fez uns galpões, galpões de madeira, com salas de aula. Parte das salas de aula daqui foi transformada em diretoria. Então, a escola foi construída com os professores pisando no barro aqui, pisando literalmente no barro.

MAAS: Chão de barro.

APA: Porque era chão de barro com madeirite. As aulas Práticas de Eletrônica, Eletrotécnica e Edificações passaram a ser dadas todas aqui no galpão de Mecânica, então, misturava todos os alunos aqui. Quando você entrava aqui para dar uma aula prática era extremamente interessante, você via de tudo. Via cara no torno, via cara lá num painelzinho improvisado de elétrica, ligando coisa. Tinha um cara lá, ligando um amplificador a válvula. Era uma mistura danada.

MAAS: E tinha um outro levantando uma parede, não é?

APA: É, a turma que estava levantando a parede, levantava aqui atrás. Está vendo?

MAAS: Onde tem uns lanches, hoje?

APA: Não, não os lanches estão aqui, ó. Lá atrás onde está o lanche etc., é onde está a tal da oficina do Pierre, daqueles caras.

MAAS: Eu nunca fui lá.

APA: Então vá lá. Quando eu entrei na escola era isso. (indicando na maquete) Aqui embaixo, aqui embaixo, nós tínhamos os refeitórios que cozinha. Este bloco permanece [bloco D] e é esse bloco [bloco C]. E aqui, onde era a quadra da escola, construíram o bloco A, que é o maior bloco da escola. Tem vários andares, e a quadra seria, mais ou menos, onde hoje é a Eletrotécnica. O desnível era grande foi nivelado e criou-se mais um andar lá embaixo, onde hoje é a Edificações. Então, aqui nós temos neste bloco, Edificações que é, mais ou menos, nesta cota. Nós temos Eletrotécnica que é na cota da quadra, nós temos bloco da Informática que seria ano meio desta cota, e nós temos o bloco da Eletrônica lá em cima, que seria a última cota. É mais ou menos isto. Isto aqui foi a Biblioteca, que foi construída pela APM, e um ...

MAAS: Anexo.

APA: Eu diria que este anexo aqui, foi construído para se colocar as ferramentas, mas acabou não vingando, e aí se fez, aproveitando o coberto, se fez um outro coberto onde é a oficina da escola, dos reparos.

MAAS: Aqui atrás?

APA: Aqui atrás.

MAAS: Não, este a gente não colocou.

APA: Não, nem tem que colocar porque o negócio foi feito provisório e ficou definitivo. Está ok, está o que foi e o que é. Então, aqui está como eu entrei [maquete 1962], e aqui, é como é hoje [maquete 2024]

MAAS: Heméritas?

APA: Prof. Heméritas, enquanto o diretor reformou tudo aqui. Tudo aqui, porque as salas eram bem maiores, bem maiores, do lado de lá as salas eram bem maiores.

MAAS: Não eram para curso técnico?

APA: Basicamente, não. Basicamente, não. Aí o que que a gente fez? Nós fizemos vários, várias salas menores. É, montamos todos os laboratórios e fizemos uma sala de professor aqui.

MAAS: Entendi.

APA: Aí na época, não lembro quem era o coordenador, talvez o professor Obata. Não lembro quem foi. Queria um cubículo.

MAAS: Que era a sala dele?

APA: Que era sala do coordenador. E se fez o quê? Se fez um banheiro aqui. Certo, pronto.

MAAS: Está. E aquele outro lado?

APA: Está vendo aquele outro lado? Ficou um depósito.

MAAS: Ok.

APA: Aí, nós professores, fizemos uma cozinha completa lá. Veja bem, essa área, tudo que você está vendo aqui, é dinheiro de APM e de professor.

MAAS: Da mesma forma, então essa responde assim, uma super pergunta, minha, da pesquisa. A escola não foi pensada, apesar de ser uma escola técnica...

APA: Não, ela não foi exatamente pensada para ser escola técnica.

MAAS: E não foi pensada para ser uma escola técnica, com as oficinas que precisavam?

APA: E nem culpo eles. Porque eles pensaram numa escola normal e deram para um arquiteto.

MAAS: Não foi dado um programa de necessidades para ele?

APA: Eu acho que eles nem vieram aqui, certo? Então, você chega lá em cima, hoje e você tem um monte de salinhas pequenas.

MAAS: Não sabe para que serve?

APA: Eram salas auxiliares, que não auxiliavam coisa nenhuma, ninguém.

MAAS: Entendi.

APA: Acabou virando uma sala de informação, sala disso... É um desperdício.

MAAS: Entendi.

APA: Aí, entra uma nova era.

MAAS: É.

APA: Começar a otimizar lá em cima, juntar salinhas e fazer salas. Então, a APM. A gente derrubava a sala do meio e fizemos. Quer dizer, de dez salas que nós tínhamos lá, hoje nós temos mais de 20. Mas aí, foi o que nós fomos adaptando a escola, ao aumento da escola.

MAAS: Que loucura!

APA: Nós, nós, professores, a APM etc., fomos aumentando. Eu mesmo, enquanto diretor, por exemplo, construir aquela... Cabine primária, tenho certeza. Há também. O protocolo lá fora. O que hoje é depósito de livro. Mais aí, o que aconteceu? Houve aquela matança no Rio de Janeiro. Por azar, eu era o diretor da escola. Eu digo por azar, porque eu recebi um ofício que a escola tinha que utilizar um método de identificação dos alunos de imediato. E não podia entrar ninguém de fora na escola. A nossa supervisora era Charpentier (Sonia Charpentier).

Julio Moreira: Que ano foi isto?

APA: Em 2011. Aí, o que eu consigo construir? O protocolo externo com telefone, com a secretaria interna. Então, ficava um funcionário lá, triava. Eu, enquanto diretor, junto

com UMES, colocamos as catracas. Eu tinha construído 4 laboratórios de informática com divisória. Por que com divisória? Porque as aulas são divididas, mas às vezes faltava um professor.

MAAS: Certo.

APA: Então, o que que a gente fazia? Abrir a divisória. É exatamente, são da minha época.

MAAS: A 40 e 41 são assim. Não, a 39 e 40.

APA: Então, são da minha época. Fui eu que fiz, com essa finalidade. O que eu falei, na época, as APMs eram bem fortes, eram fortes.

MAAS: Eu mostrei para os meus os alunos, eles ficaram encantados.

APA: Você sabe que nós tivemos problemas sérios aqui de recalque? Principalmente desse elevado. Onde está o pátio dos alunos. A aquele elevado, aquilo quase desabou.

MAAS: O que eles aterraram ali?

APA: Se você for lá, você vê que têm vigas de aço externas.

MAAS: Então, mas ele era mais baixo?

APA: Não, não, era dessa altura.

MAAS: Já era dessa altura?

APA: Só que começou a arriar. Aí, foi levantado como aqueles...

MAAS: Tem umas vigas.

APA: E botaram vigas de aço etc. Aí, limparam todo o concreto, que era mais ou menos, ficou uma casquinha e botaram aquela brita leve.

MAAS: A marronzinha?

APA: A marronzinha.

MAAS: Esqueci agora é, eu acho. Também vou lembrar.

APA: A marronzinha nós tivemos recalque sérios ali.

MAAS: Imagino, porque a declividade do terreno aqui é maluca.

APA: Mas se você pensar bem, pelos anos que essa escola tem, você vê esse prédio, não tem uma trinca esse aqui.

MAAS: Não tem nada.

APA: Então nenhuma trinca. Há a quadra deveria ser aqui em cima.

MAAS: Ela tinha sido projetada para...

APA: Sim, porque tinha uma maquete aqui. Na escola, durante a obra, tinha uma maquete de como ela iria ficar, e na maquete e a gente via que ia ter uma quadra lá em cima.

MAAS: Onde hoje ficam as energias renováveis?

APA: Tem um telhado, é o meio, aonde a energia renovável faz... seria uma pequena edificação, como banheiros e vestiários etc. e a quadra para o lado de cá. Para o lado de lá era, um depósito grande, certo? É por isso que a escada vai até lá.

MAAS: É lindo, você vê São Paulo inteiro, lá de cima. Que maravilha. Muito obrigada, professor.

APA: Imagina

MAAS: Ajudou muito e a gente ficou conhecendo a GV mais um pouquinho.

Descritores

Maria Aparecida Alves de Souza

Antônio Pereira Afonso

Camila Polido Bais Hagio

Hélio Creder

Diretor de escola

Centro de Memória

Escola Técnica Getúlio Vargas

História Oral na Educação

Memória do trabalho docente

Sonia Charpentier

Adhemar Batista Heméritas

Técnico em Edificações

Construção Civil

Técnico em Eletrotécnica

Técnico em Mecânica

Nisseis

Dados Biográficos do Entrevistado



Antônio Pereira Afonso é engenheiro civil formado pela Escola de Engenharia Mauá, possui licenciatura em Eletrotécnica feito na ETESP-CPS e licenciatura em Psicopedagogia, pelo Centro Universitário Claretiano. Atua como docente na Etec Getúlio Vargas desde 1972, a princípio, no curso Técnico de Edificações e, posteriormente, no curso Técnico de Eletrotécnica. Trabalhou na Prefeitura de São Paulo e, como profissional liberal, em empresa própria.

Dados Bibliográficos da Entrevistadora



Maria Aparecida Alves de Souza é graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo (1985), com pós-graduação em Avaliação de Impactos Ambientais e Processos de Licenciamento Ambiental pelo Centro Universitário SENAC (2023), licenciatura em pedagogia pelo Centro Paula Souza (2010). Atua como arquiteta em projetos residências, comerciais de acessibilidade, com especialização em arquitetura hospitalar. Trabalha como docente desde 2010 pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Atualmente é professora da Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas nos cursos técnicos de Edificações e Design de Interiores. Faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP), desde 2023.

Anexos (documentos sigilosos e não divulgado online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Antônio Pereira Afonso

Termo de Autorização para uso de Imagem de Antônio Pereira Afonso